

QUADRO DE ÉPOCA. UMA ALEGORIA SOBRE A MISCIGENAÇÃO NO CONTO “UMA ESCRAVA”, DE MAGALHÃES DE AZEREDO

Renan Siqueira Moraes*

Resumo: Caro leitor, o ensaio que segue é uma tentativa de apreender uma estrutura alegórica sobre o mestiço no final do século XIX. Trata-se da análise do conto “Uma escrava”, de Magalhães de Azeredo, publicado inicialmente na *Revista Brasileira*, em 1895. Neste conto observamos como o autor pensa o processo de miscigenação e alguns sentidos em seu horizonte latente de expectativas. *Quadro de época* é uma das imagens formuladas acerca da nação brasileira: um país de quadros mestiços.

Palavras chaves: Miscigenação – Magalhães de Azeredo – literatura brasileira

Abstract: Dear reader, the essay that follows is an attempt to grasp an allegorical structure of the half-breed in the late nineteenth century. This is the analysis of the short story "A slave," de Magalhaes de Azeredo, first published in the Journal in 1895. In this tale we see how the author thinks the process of miscegenation and some ways in its latent horizon of expectations. Table of time is one of the images made on the Brazilian nation: a country of mestizos frames.

Keywords: Miscegenation – Magalhães de Azeredo – brazilian literature

... *Uma escrava* é também um quadro da roça (...), é menos um quadro da roça que da escravidão.

Machado de Assis, *A Semana*, 1895

Curiosamente a miscigenação é uma matéria recorrente no pensamento brasileiro desde o século XIX, desde quando a “nação” se tornou um tema, desde que se observou a população – sobretudo nas grandes cidades. Vemos que nossa sociedade tem a acrescentar à “Civilização” o ideal mestiço, uma cultura que é projetada (muitas vezes) como pacifista e inclusiva. A ideia de país mestiço foi defendida e exaltada por muitos dos pensadores que fizeram nossa história, de Silvio Romero a Gilberto Freyre, de José de Alencar a Mario de Andrade. A miscigenação se tornou um dos mais fortes mitos fundador da nação, esboçado pelas penas de viajantes estrangeiros no século XIX e pelas elaborações da elite intelectual do país. Desta maneira, acredita-se que só no Brasil a miscigenação explodiu este “espetáculo de cores”, “o que resumia a singularidade local não era mais a flora, a fauna ou a pujança da terra, e sim uma composição racial singular, um certo *espetáculo da miscigenação*”.¹ Notemos que a curiosidade está nesta pretensão ao “monopólio da mistura”, quando muitos outros países também possuem uma vasta experiência de miscigenação.

* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História Política pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista CAPES, orientando do prof. Thiago Nicodemo. E-mail: moraes.renan.s@gmail.com.

Evidentemente a miscigenação não foi tratada de forma homogênea – era preenchida de considerações diversas. No Império, pode-se observar duas ponderações, mais ou menos genéricas sobre o mestiço: uma ligada ao mundo da desordem e outra a um projeto de harmonização nacional.² Estas concepções também não eram coesas e só podem ser percebidas numa relação muito tensa entre cada intérprete e o mundo em que elege interpretar. Com as transformações na linguagem intelectual operada na “Geração de 1870”, estas concepções foram esboçadas no que depois se convencionou chamar de uma visão “otimista” e outra “pessimista” da nação. Neste sentido, as marcas deste debate devem ser avaliadas a partir da “polissemia da mestiçagem” como alternativa ao estudo da “questão racial”:

Considerar a polissemia da mestiçagem consistiu em considerar a construção das identidades sociais. Focalizar a *construção* das identidades, seu caráter relacional e cambiante, leva, mais uma vez, a uma desnaturalização. De certa forma, a identidade é uma ilusão e uma contingência, apoiada exatamente na crença de que é uma verdade e uma necessidade.³

Por ora cabe destacar que realizaremos uma leitura a partir da interpretação do que a miscigenação poderia evocar de melhoria para a sociedade brasileira, delimitando-nos a uma imagem da estrutura alegórica sobre o mestiço que foi desenvolvida no conto “Uma escrava”, publicado na *Revista Brasileira em 1895*, por Magalhães de Azeredo. Neste sentido, proponho uma análise do conto no qual se desenvolve uma alegoria do mestiço e que pode ser correlacionada a outra, como a da tela de Modesto Brocos, *A Rendação de Cam*⁴, ambas do ano de 1895. O que observamos é que todas estas imagens da miscigenação elaboram um horizonte latente, tornando perceptível, a partir da leitura desta estrutura alegórica, um projeto de embranquecimento da população.

Carlos Magalhães de Azeredo (1872-1963) foi um escritor e diplomata e um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. Inseriu-se desde cedo no círculo intelectual e literário em que se encontrava Machado de Assis, com quem manteve assídua correspondência no começo da carreira⁵. Contribuiu bastante para a imprensa carioca e paulista, tendo estreado na literatura com o livro *Alma primitiva*. Nela se encontra *Uma escrava*, este havia antes sido publicada na *Revista Brasileira*, em seu primeiro volume (esta é a edição que utilizarei). Não adiemos mais a leitura do conto, façamos agora!

De corte naturalista-realista, o conto é iniciado com uma descrição detalhada do cenário da história: uma plantação de café e cana. As personagens também são caracterizadas

em seus pormenores, sobretudo aquelas que atuam na tensão central da narrativa: o conflito entre D. Bellarmina e a escrava Manoela. A primeira é apresentada pela severidade no trato com os escravos e por uma apresentação de suas características físicas que, aparentemente, se relacionam ao seu comportamento.⁶ Podemos destacar duas maneiras como o autor lida, a partir de determinismos, com suas personagens: a primeira, ligada ao racionalismo, atribui ao comportamento delas características inatas de acordo com cada raça; e a segunda se refere a determinadas qualidades que são conferidas aos modos femininos. Entretanto, nos cabe agora só o primeiro caso.

O cotidiano da fazenda é apresentado numa espécie de divisão do trabalho entre os escravos: “no pátio dois negros velhos, curvados, batiam com longas varas o feijão que secava; um pardo alto, à porta da estribaria, atirava baldes de água ao lombo dos animais de sela”.⁷ Eis que a nossa personagem é apresentada, e é nesta apresentação que pretendo me deter para que possamos observar não só a descrição de um tipo dentro da narrativa, mas de uma alegoria acerca do processo de miscigenação. Magalhães de Azeredo aponta, quando aborda as escravas da fazenda, a diferença entre a mulata Manoela e as outras escravas que se supõe serem negras.

Com efeito, a “mulatinha” Manoela, “filha de um português” e “uma ‘fula’”⁸, era “famosa naqueles sítios pela sua beleza [...]; a tez, da verdadeira cor do jambo maduro, e os cabelos anelados, indicavam a progressiva influência do sangue branco, anulando as imperfeições e rudeza da raça primitiva, através de duas ou três gerações”.⁹ Antes de nos determos a esta descrição, observemos que o autor expõe as outras escravas que faziam intriga e praticavam vingança com Manoela de modo que tal comportamento seria típico do negro, que possui um inato espírito vingativo¹⁰. Mas fiquemos com esta imagem que o autor mostra acerca da miscigenação: o efeito purificador do sangue do branco sobre a perversidade “das raças primitivas”.

O conceito de alegoria possui abundantes apropriações ao longo da história, desde os antigos helenos aos modernistas do século XX. Dentro da crítica literária, suas aproximações com a metáfora e o símbolo foi discutida por muitos teóricos. No entanto, não faremos uma discussão pormenorizada sobre o conceito, pois necessitaríamos de uma longa caminhada. Mas fiquemos com duas sugestões, a de Massaud Moisés e a de Carlos Ceia. O primeiro propõe que a alegoria versa sobre um “discurso acerca de uma coisa para fazer compreender outra”, trata da “concretização do mundo abstrato” e pode ser representada em narrativas, assim como em linguagem não-verbal.¹¹ Já Carlos Ceia acrescenta que “uma alegoria é aquilo que representa uma coisa para dar ideia de outra através de uma ilação moral; [...] regra geral,

a alegoria reporta-se a uma história ou uma situação que joga com sentidos duplos e figurados”.¹² Neste sentido, “a decifração de uma alegoria depende sempre de uma leitura intertextual, que permita identificar num sentido abstrato um sentido mais profundo, sempre de caráter moral”.¹³

Com efeito, é necessário compreender a estrutura alegórica sobre o processo de miscigenação a partir das diversas linguagens apresentadas naquele período. Desde a breve narrativa do conto de Azeredo, passando pelas elucubrações filosóficas de Sílvio Romero, até a pintura histórica de Modesto Brocos. Neste breve ensaio ficaremos só com o conto e a pintura, deixando para outro momento uma reflexão mais ampla. Não se trata de uma delimitação arbitrária, antes, de uma comparação entre duas concepções próximas sobre a miscigenação. Pode parecer um lugar comum a ideia de que a miscigenação no final do século XIX visava o embranquecimento da população. Sim visava, mas é preciso dizer que o branqueamento é uma pretensão muito mais antiga¹⁴ e que esta alegoria está imersa em linguagens e aspirações datadas, ou seja, imbuídos de um realismo e um devir civilizatório cientificista, próprios deste *fin-de-siècle*.

Vejamos que a “progressiva influência do sangue branco” revela uma apropriação do saber biológico muito utilizado na literatura naturalista para dar conta da realidade como se fosse uma vocação da literatura. Além disso, observa-se uma dupla noção da ciência como fator do projeto civilizador: por um lado, o mais evidente, temos o uso da linguagem biológica já mencionada; por outro, mais latente, temos que o “sangue branco”, detentor do conhecimento científico, objetiva corrigir a “rudeza da raça primitiva”, elevando-a à civilização. Com efeito, a ciência era o caminho para o mundo civilizado neste terço final do século XIX, ela “era vista, sobretudo pelas camadas letradas, como o veículo que levaria o país a percorrer o caminho rumo à civilização”.¹⁵ Utilizava-se, pois, da ciência enquanto linguagem e prática, no primeiro caso a partir de homologias biologizantes, no outro como desígnio nacional: um país civilizado, europeizado, branqueado. Para tanto, o lugar social do mestiço e da miscigenação era privilegiado, neste debate otimista ou harmonizador, pois tratava da ambição nacionalista de tornar-se uma grande pátria.

Dada a realidade brasileira, o mestiço constituiu os contornos possíveis para o caminho do progresso e da civilização que seriam alcançados “através de duas ou três gerações”. Esta tópica é comum a outros pensadores, artistas, cientistas e escritores, dentre os quais se propuseram a desenhar o mestiço. Entre eles temos Modesto Brocos (1852-1936), pintor de origem espanhola naturalizado brasileiro que em 1895 pintou *A redenção de Cam*. A tela revela muito sobre o tempo e os termos para o branqueamento da população nesta

concepção. Trata-se da passagem em três gerações do negro ao branco: notemos a avó negra, a mãe mulata e o filho branco. A imagem está em conformidade com a noção de quantas gerações seriam necessárias para que “o sangue branco” anulasse as “imperfeições e rudeza da raça primitiva”.



Modesto Brocos. *A redenção de Cam*. Óleo sobre tela, 199cm x 166cm. Rio de Janeiro : Museu Nacional de Belas Artes, 1895.

É digno de nota que, no marco de tal projeto, as duas personagens não-brancas em cena sejam mulheres: avó e mãe estabelecem uma oposição de cor evidente com relação à figura paterna e ao menino. Se o pai pode parecer estrangeiro, ou também afastado da natureza local - note-se que, numa alusão a progresso, construída pela metáfora do chão de pedra contra o de terra, ele pisa a parte pavimentada do solo e dá as costas para as demais figuras em cena -, mãe e filha fariam parte da mesma "cadeia evolutiva". Na medida em que o bebê e o pai podem ser vistos como brancos e do sexo masculino, parece haver na genealogia dessa família uma dupla ruptura: racial, mas também de gênero. Além disso, a tela privilegia uma mestiçagem ordenada pelo par mãe negra/mulata e pai branco - e não o contrário, o que coloca a figura masculina no papel de elemento definidor do processo.

O que podemos notar com a “passagem do negro para o branco” não é só a eliminação física e cultural de uma etnia, não se trata somente da supressão da alteridade que visava tornar mais evidente a nação em termos raciais, refere-se também a uma afirmação implacável da necessidade do progresso. A noção de progresso aqui está intrinsecamente ligada às potencialidades da cultura europeia tão-só, tornando irrelevantes as contribuições de outras culturas. A estrutura alegórica que buscamos destacar em *Uma escrava* deve ser decifrada a partir da leitura intertextual de uma época. Obviamente a miscigenação não possuía apenas este sentido de harmonização, outras interpretações davam conta da imagem desordeira do mestiço. Entretanto, podemos observar neste quadro que a linguagem racialista desenhou o mestiço como caminho para o progresso e civilização. O que aparece latente por trás deste desejo de branqueamento é a semântica civilizatória que está ligada àquela vontade mesma de ser Europa, de ser civilizada, de criar uma identidade nacional que aproxime o velho continente dos trópicos.

Os intelectuais brasileiros que debateram a raça com base no problema do desenvolvimento nacional propuseram-se discutir o que era – e o que poderia se tornar – o povo brasileiro. Mestiço e miscigenação não são conceitos isentos de ambiguidade, não são constatações fáceis de serem apreendidas num discurso onde o cenário discursivo muitas vezes repreende tais formulações. Segundo Ivana Lima, “todo o debate sobre o mestiço consistiu em definir possíveis significados para esta noção, e em tentar, a partir destas definições, orientar o destino da *Nação* no caminho do *progresso e*

civilização”.¹⁶ Neste sentido, buscamos analisar aqui a segunda parte, a que busca orientar os destinos da nação.

Marcelo Paixão e Flavio dos Santos Gomes apontaram que “quando o pensamento culturalista moderno consagrou o princípio da mestiçagem, evidentemente o mesmo acabaria valorizando o legado das três raças formadoras do povo de nosso país”, e concluem que “essa consagração, entretanto, não diz tudo acerca dos papéis sociais que cada um dos brasileiros teria no país do futuro”.¹⁷ Neste sentido, temos que, a partir da estrutura alegórica que buscamos explorar aqui, observamos que muitas vezes o papel de cada uma das três raças no processo miscigenador/civilizador era contribuir para o progresso do Homem branco em terras tropicais.

Pintado em quadro de época, a alegoria acerca do mestiço e da miscigenação em *Uma escrava* traça as possibilidades das “raças primitivas” serem corrigidas pelo “sangue branco”. Como colocou Machado de Assis, é mais um quadro da escravidão do que do cenário em que os escravos trabalhavam, mas, aprofundando a leitura, pensemos escravidão aqui como uma moeda de troca que o Homem branco cobrava para que pudesse corrigir as imperfeições das “raças primitivas”. Portanto, o quadro mestiço que visualizamos é uma invenção harmonizadora que busca perscrutar o progresso, a civilização. Pintado no final do século XIX, a alegoria mestiça da brasilidade é um festival de cores que visa homogeneizar. Talvez, caro leitor, soe paradoxal para nosso tempo que a mistura de cores engendre algum tom de branco, mas para aqueles observadores e para aquela época o quadro mestiço era uma possibilidade de branquear.

NOTAS DE REFERÊNCIA

¹ SCHWARCZ, Lilia M. “O espetáculo da miscigenação”. In. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 8, n. 20, pp. 137-152, 1994, p. 138.

² LIMA, Ivana S. *O Brasil mestiço*. Discurso e prática sobre relações raciais na passagem do século XIX para o século XX. Rio de Janeiro: Departamento de História/PUC, 1994 [Dissertação], p. 9.

³ LIMA, Ivana S. *Cores, marcas e falas: sentidos da mestiçagem no Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003. Segundo Ivana Lima no poético estudo sobre os sentidos semânticos da miscigenação, “questão racial” é um termo complexo e equivocado, pois sugere alguma naturalização. Sobre este ponto, três cuidados devem ser tomados: a) não naturalizar como questão invariável, b) perceber a historicidade dos termos que dão conta desta história e c) não subestimar o léxico das designações raciais.

⁴ A tela se encontra atualmente no Museu Nacional de Belas Artes.

⁵ Entre as cartas trocadas, o jovem Magalhães de Azeredo esboça grande ansiedade pela publicação de seu primeiro livro, no que Machado de Assis lhe aconselha a calma. Ver: Assis, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, t. III (1890-1900). Coordenação e orientação Sergio Paulo Rouanet ; reunida, organizada e comentada por Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

⁶ MAGALHÃES de AZEREDO, Carlos. “Uma escrava”. In *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, v. 1, 1895, p. 129.

⁷ *Ibidem*, p. 131.

⁸ Fula é uma etnia que habita a região da Nigéria e do Congo, além de algumas partes do norte da África.

⁹ *Ibidem*, p. 131.

¹⁰ *Ibidem*, p. 132.

¹¹ MOISÉS, Massaud. Dicionários de termos literários. São Paulo: Cultrix, 2004, p.14.

¹² CEIA, Carlos. “Sobre o conceito de alegoria”. In. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 10, p. 19-26, 1998, p. 19.

¹³ *Ibidem*, p. 20.

¹⁴ Ver, neste sentido, o livro de Andreas Hofbauer, *Uma história de branqueamento ou o negro em questão*. São Paulo: Edunesp, 2006.

¹⁵ CARULA, Karoline. *A tribuna da ciência*. São Paulo: Annablume, 2009, p. 27.

¹⁶ LIMA, Ivana S. *O Brasil mestiço*. *Op. Cit.* p. 92.

¹⁷ PAIXÃO, Marcelo; GOMES, Flávio dos S. “Raça, pós-emancipações, cidadania e modernidade no Brasil: questões e debates”. In. *Revista Maracanan*, Rio de Janeiro, v. 4, pp. 171-194, 2008, p. 189.

Recebido em: 19/02/2016

Aprovado em: 07/05/2016